



VOZ de ANTAS

OUTUBRO 85
3.ª Série — Ano VII — N.º 90

Depósito Legal N.º 1886/84

PORTE PAGO
TAXA PAGA
4740 ESPOSENDO

BOLETIM PAROQUIAL — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO DO PROGRESSO DA NOSSA TERRA

DIRECTOR e EDITOR
M. Brito Ferreira

ADMINISTRADOR
A. Faria

Propriedade da Fábrica
da Igreja Paroquial de
S. PAIO DE ANTAS

Redacção:
CENTRO PAROQUIAL
Telef. 87438/130/357

Fotocomposição e Ofset:
Tip. Diário do Minho — BRAGA

A CAUSA DO CENTRO PAROQUIAL É A CAUSA DA IGREJA E, POR ISSO, MERECE-NOS O MELHOR APOIO...

Damos infindas graças a Deus por todo o trabalho realizado, pelos esforços feitos, pela dedicação verificada, pela generosidade de cada um, pelo sentido dos outros de tantos, pela fé de todos, pelo amor de todos e pela esperança — certeza de todos!

Os apoios vão, entretanto, surgindo em ritmo animador, embora modesto, dada a amplitude do empreendimento e olhando à grande caminhada a realizar até chegar ao fim...

Eis o que nos chegou ultimamente:

Em sufrágio de António C. A. Ferreira, 100.000\$00; Idem, de Olímpia Sá da Cruz, 30.000\$00; Fernando Torre dos Santos, Guilheta, 30.000\$00; Alguém, Guilheta, 16.000\$00; Mário Quesado

Sinaré, França (Monte), 9.700\$00; Alguém, Azevedo, 5.000\$00; Manuel da Costa Araújo, França, 5.000\$; Manuel da Costa Azevedo, Azevedo, 5.000\$00; Manuel Gonçalves



O centro paroquial prolonga a Igreja...

Neiva Novo, Estrada, 5.000\$00; Manuel Azevedo Sá, Estrada, 5.000\$00; Armando da Costa Enes, Austrália, 5.000\$00; David da Costa Rolo, França (Azevedo), 5.000\$00; Maria da Pedreira, Guilheta, 2.000\$; Maria Alice Meira Laranjeira, Fran-

ça (Belinho), 2.000\$00; David Dias Araújo, Covilhã, 1.000\$00; Arminda Torre, Guilheta, 500\$00; Maria Gonçalves, Belinho, 500\$00 e António Martins Capitão, Marinhas, 500\$00.

(CONTINUA)

Dia Mundial das Missões: um desafio para os jovens

Cristo precisa dos jovens para levar o anúncio de salvação pelos caminhos do mundo

Celebrou-se a 20 de Outubro, o Dia Mundial das Missões. Data para cada cristão reflectir a sua tarefa missionária dentro da Igreja que tem por missão levar a Boa Nova aos quatro cantos do mundo.

Na sua mensagem para esse dia, o Santo Padre dirigiu-se sobretudo aos jovens. «Cristo precisa de vós para proclamar a verdade, para levar o anúncio de salvação pelos caminhos do mundo».

Depois de afirmar que «a Igreja aparece como a comunidade dos discípulos que existe para realizar, através dos tempos, a missão do

próprio Cristo», o Papa referiu que «este compromisso diz respeito especialmente aos jovens e às jovens».

A nossa paróquia contribuiu com 46.550\$00.

FAMÍLIA

A Família é fonte de felicidade e o lugar onde as pessoas aprendem a resolver os problemas da vida — afirmou João Paulo II, na Holanda.

OUTUBRO

— Mês do Rosário

O TERÇO — Por ser oração simples, oração da vida de cada dia é que S.ta Teresa ao falar dela escreveu: «é devoção toda divina, fonte de graças, remédio a mil males, cadeia que une o céu à terra, arco-íris de paz, âncora de salvação para todos os cristãos». E S. Afonso Maria Ligório afirmou: «Entre todas as homenagens que se devem à Mãe de Deus não conheço nenhuma mais agradável que o Rosário». S. Filipe de Neri chamou-lhe «o colar de pérolas de minha Mãe» e S. Francisco de Sales ousou afirmar: «O Rosário é a melhor maneira de orar».

O mês de Outubro é convite à reflexão sobre esta nobre e sublime maneira de orar. E que nos fique o convite do Papa João Paulo II: «Oração tão simples e tão rica! a todos exorto cordialmente que a rezem». Ela é escada do Céu.

ANTÓNIO FERREIRA — morte aos 88 anos



António Ferreira

Marido e pai exemplar, homem de vida interior, desprendido, mortificado, sempre trabalhador. Foi um cristão exemplar em tudo. Alegre, bem humorado, convivente e simples.

Eram bem notórios os seus sentimentos de bondade e de caridade, de fé e de piedade que o tornaram um exemplo para toda a comunidade paroquial onde viveu, que não apenas para os seus familiares e amigos.

Que Deus o tenha já em Sua glória, olhando, em Sua misericórdia, ao muito que fez por bem servir na sua passagem pela terra.

Evocando a sua memória, lembremos ao Senhor a sua bela alma.

Quaesi vit Dominus sibi virum iuxta cor suum.
O Senhor procurou para si um homem segundo o seu coração.

I. Samuel — XIII — 14

Foi nas margens do sempre sonhador e enamorado Lima, ao som dos trinados dos rouxinóis empoirados nos mouchões e salgueirais das suas lezírias e charnecas, cantando ao desafio de margem para margem, e por entre o ar lavado da madrugada e a fragrância inebriante das suas margens matizadas das mais variegadas e vistosas flores, em plena primavera, que na moça e risonha freguesia de Vila-Mou, em 17 de Abril, de mil novecentos e noventa e sete, nasceu, trazendo nas veias o sangue de gema de pais cristãos, o amigo a quem há dias acompanhámos à última morada terrestre.

Conhecemo-lo bem. Foi de seu nome António Custódio Alves Ferreira, pai de uma elite de Filhos, entre os quais o Snr. Pe. Brito, que

Pe. Armando Pereira

tão belamente lhe têm sabido seguir na (peugada) brilhante peugada.

Quando os primeiros lampejos, de conhecimento, assomaram, à nossa razão, estava ele nos seus vinte anos, em plena e pujante juventude.

— Segue na 3.ª pág.

NOVEMBRO

MÊS DAS ALMAS

Fácil promover a glória do Senhor, enviando almas para o céu, as quais, graças a nós e para nós, amaram e louvarão dignamente o Senhor.

Não há dúvida de que os primeiros favores que as almas fazem depois do seu resgate, é pedirem à infinita misericórdia do Senhor graças imensas para os seus libertadores, para os que lhes abriram as portas do Paraíso, não cessando de interceder por nós quando nos virem em algum perigo, dança, ou em necessidade.

Jesus prometeu que usaria de misericórdia para com os misericordiosos.

Monografia de S. Paio de Antas

Após longo e cuidadoso trabalho de estudo e pesquisa sobre S. Paio de Antas e as suas coisas, que são bocadinhos da alma das suas gentes, o nosso conterrâneo e amigo P.e Dr. Adéllo Neiva vai mimosear-nos, muito brevemente, com a monografia da sua e nossa Terra.

Esta obra, fruto de muito esforço e de muita entrega a uma causa que tanto o ennobrecer e que tanto nos orgulha, merece o apreço e carinho de todos nós, seus conterrâneos, que poderemos, assim, conhecer a nossa própria História, feita por um historiador que também é nosso.

Nosso é também o financiador da publicação que, como é óbvio, exige quantia elevada. O nosso antecipado agradecimento ao nunca desmentido baírrismo e à sempre patenteada generosidade do Melra da Cruz, alma que sempre vibra quando estão em causa as nossas causas...

Com a Monografia de S. Paio, obra que, sem dúvida, todos vamos adquirir, mais firmes serão os laços que nos unem porque mais resistentes são as raízes que nos prendem ao passado e mais fortes os ramos que nos projectam no futuro.

PESSOAS E FACTOS

Professores António de Carvalho Torrinhãs e Maria de Jesus Ribeiro da Silva

Entre as personalidades já desaparecidas que, nas primeiras décadas deste século, deram, nos mais variados campos, o melhor de si mesmos à nossa Terra, encontra-se, no sector do ensino, este dedicado casal de professores.

Não sendo naturais desta freguesia, nela viveram contudo, quase a inteiro, a sua vida profissional, familiar e social, dando às crianças de várias gerações o seu saber, aos adultos a sua

amizade e ajuda, à Terra a sua estima e dedicação e até ao nosso Campo Santo fizeram questão de darem os seus restos mortais.

António de Carvalho Torrinhãs nasceu em 1878 na freguesia de Ruães, concelho de Famalicão, tendo, após a instrução primária, ingressado no Seminário Arquidiocesano de Braga que frequentou até ao 3.º ano teológico e onde adquiriu uma cultura e uma for-

mação religiosa que, aliadas ao seu dom de palavra, o tornariam não só um companheiro útil e agradável mas também um orador distinto e empolgante.

Abandonado o Seminário, frequentou o Liceu de Braga, onde conheceu aquela que, mais tarde, viria a escolher para companheira leal e fiel, a, então, menina Maria de Jesus Ribeiro da Silva,

Segue na 4.ª pág.

GRATIDÃO E APREÇO

Atendendo à vontade que, de há anos, Manuel Rodrigues Lapeiro Júnior tem manifestado de se substituir na Comissão Fabriqueira e ponderando o longo tempo de serviço a esta Causa da Igreja, pedimos a colaboração de Albino Alves Faria, de cuja competência e qualidades requeridas para o cargo ninguém duvida. Homens da nossa total confiança. A ambos o nosso profundo reconhecimento.



D. EURICO DIAS NOGUEIRA, POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SE APOSTOLICA, ARCEBISPO DE BRAGA E PRIMAZ DAS ESPANHAS

Fazemos saber que, levando em conta o que nos expôs em seu officio de, 19 de Setembro de 1985, o Rev. do Pároco... da freguesia de S. Paio de Antas... Direcção da Corporação Fabriqueira Paroquial até 19/9/1986

HAVEMOS POR BEM CONFIRMAR, no uso da Nossa jurisdição ordinária, os membros da Direcção da "CORPORÇÃO FABRIQUEIRA PAROQUIAL" abaixo nomeados, os quais tomarão posse de seus cargos e os exercitarão nos termos previstos nas leis canónicas gerais e do Regulamento Geral devidamente aprovado por que se rege, devendo fazer o juramento e a revisão do inventário.

PRESIDENTE: Padre Manuel Brito Ferreira.
SECRETARIO: Manuel Faria Viana.
TESOUREIRO: Albino Alves de Faria.

Nos termos da CC. 319, e 1287, a Direcção tem de apresentar anualmente nos prazos determinados ao Ordinário do Lugar.

E para constar, Mandamos passar a presente portaria, que será registada, nos livros próprios da Nossa Cúria.

Braga, 19 de Setembro de 1985.

João Gonçalves

N.º 9077 (A.114)
E EU, *João Gonçalves*, Chanceler da Cúria Arquiepiscopal de Braga, a subscrevi:

Banda de Música

Confraternizou em convívio musical na tarde do dia 13 de Outubro, na Quinta da Casa de Belinho. A Eucaristia solene celebrou-se na capela de N.ª S.ª do Rosário.

BOVINA

A Direcção da BOVINA, informa os seus associados que, durante os seus 10 meses de mandato, registou um prejuízo de 256.000\$00. Para cobrir os mesmos prejuízos, efectuaram-se três rateios.

Informa também que tem valores em gado de 25.110.000\$00. O saldo final é positivo em pouco mais de uma dezena de contos. No final do rateio em cobrança atingiremos de novo os 112.000\$00.



ESCOLA PREPARATÓRIA DE FORJÃES

Iniciou o 2.º ano de actividades nesta época de 1986-1986.

Continua à frente da Comissão Instaladora a Dr.ª D. Aurora Ma-

nuela da Silva Guimarães e Melo com dois novos elementos, P.e Dr. Justino Moreira e Dr. Basílio Torres.



Também na Argentina se dão passeios de jinga... Os netos do Manuel da Rosa, filhos do Artur e Helena, que o digam!

FESTA DE ANOS DE NOSSA SENHORA

Foi assinalada com um encontro-convívio de jovens, em Antas, vindos de várias freguesias de Espoense e Viana do Castelo. Houve Celebração Eucarística solenizada pelo Grupo Coral; partilha de farnéis; tempo recreativo-cultural, e terço louvor da Mãe. O lanche com o partir do bolo de aniversário — uma rica oferta da catequista Mim — teve lugar no salão de festas do Centro Paroquial.

A.C.R.

Organizou convívio na margem do rio Neiva, S.ta Tecla, em 15 Setembro, p.p..

Vem da 1.ª pág. ---

nascida naquela mesma cidade em 1880.

Terminado o curso liceal, ingressariam os dois na Escola Normal, onde, a par e passo, foram estudando e estudando-se para, findo o Curso, unirem definitivamente as suas vidas profissionais e familiares.

Foi assim que, depois de haverem leccionado três anos em S. Bartolomeu da Esperança, Vieira do Minho, e dois na vizinha Apúlia, e já com três dos dezoito filhos que teriam (dos quais só nove se vingariam), aqui se fixaram em 1906, tendo começado a trabalhar só o Snr. Torrinhos pois, nessa época, ainda estava em funções, na escola feminina, a também célebre Snr.ª D.ª Paulina Maciel. Coube a estes dois professores a honra e o mérito de darem às nossas escolas a mercê de uns bons resultados nesse ano lectivo, o que não sucedia havia já bastante tempo. Tão contente ficou todo o povo que, encabeçado pelos responsáveis da Terra, fez, a 20 de Outubro de 1907, uma festa escolar em que foram postas em evidência as qualidades pedagógicas dos mestres e homenageadas as crianças aprovadas (a).

Mais tarde a Snr.ª D.ª Paulina cederia o seu lugar à esposa do Snr. Torrinhos e, assim, a tão dura quão meritória missão de ensinar passou, até 1938, a pesar sobre os ombros de uma única família.

Quem viveu as vicissitudes históricas, nacionais e internacionais, dessa época facilmente compreenderá o grau de heroicidade que, então, foi exigido a toda a gente honesta mas sobretudo àquela que dispunha exclusivamente de um ordenado estatal, sempre inadequado e habitualmente atrasado de dois e três meses. A uma implantação da República em 1910, logo seguida da 1.ª guerra mundial, sucederam-se, durante quase duas décadas, lutas de interesses e, conseqüentemente, governos instáveis que, tal como agora, passavam o seu tempo em justificações, lançando sobre os anteriores as responsabilidades dos seus próprios fracassos.

O 28 de Maio em 1926, alegando

salvar o País da situação económica desastrosa em que este se encontrava mais «apertou o cinto» a todos os portugueses, continuando a ser as primeiras vítimas os seus mais directos servidores, os modestos funcionários públicos, que não tinham outra fonte de receita além da sua diminuta e «chorada» mensalidade, a qual teria de dar para manter famílias numerosas, sem quaisquer abonos ou assistência de qualquer ordem, e aguentar, o que geralmente não ia além de simular, uma posição social exigida pelas suas funções.

Quantas vezes o já reduzido pão dos próprios filhos era ainda sacrificado para matar a fome aos filhos dos outros que, pública ou disfarçadamente, estendiam a mão à caridade e até para a aquisição inadiável de material de trabalho cuja compra, por dever, a outras bolsas caberia. Neste caso, o tostão com que cada aluno deveria contribuir para a «caixa escolar» que faria face à compra da tinta, do giz e a outras pequenas despesas, quantas vezes se atrasava ou mesmo nunca viria!

Estes problemas económicos, estendidos a tudo e a todos, condicionavam grandemente a frequência e o aproveitamento escolares e criavam mentalidades em nada consentâneas com as exigências da vida real que esperava a criança. Porque não havia quaisquer leis que obrigassem à aprendizagem ou que convenientemente a regulamentassem, tudo andava ao critério dos pais que, embora gostassem e até exigissem que seus filhos aprendessem, nem sempre sabiam ou podiam dar a sua quota-parte indispensável. Casos havia em que dois ou três filhos em idade escolar

tinham de alternar-se, durante todo o ano lectivo, nas suas idas à escola, de maneira que nunca faltasse em casa quem fosse com o gado, quem andasse à frente dos bois ou quem fosse levar o jantar ao pai.

Juntando a estas irregularidades uma ou outra fuga voluntária à escola para ir ver as «casas das Mouras» ao Monte da Cidade, para tomar o seu banho na Carvalha, para ajustar contas com algum colega ou para escapar a alguma lição mal sabida e ainda o facto de um único professor se dar, ao mesmo tempo, a cerca de 75 alunos, repartidos pelas quatro classes, aqui temos a panorâmica em que se movimentaram os nossos velhos mestres, verdadeiros heróis, autênticos mártires das circunstâncias de uma época, a quem tudo exigíamos e a quem tão pouco dávamos, circunstâncias essas contra as quais souberam lutar com apuro e dignidade.

Havendo até 2 de Novembro de 1935 uma única escola masculina, a funcionar na escola-residência do Lugar da estrada (dávada com que o Barão de Maracanã havia mimoseado a Terra em 1888) e outra feminina no Lugar de Belinho, a funcionar em sala particular, ainda hoje existente, mandada construir, para o efeito, pelo Snr. Padre António Ledo ao lado da casa que era de seus pais, nelas eram recebidas, todas as manhãs, as nossas crianças de então, vindas dos quatro cantos da freguesia a quem se juntavam muitas outras das aldeias vizinhas, nomeadamente de Belinho e de S. Bartolomeu.

Igual caminhada fazia a Snr.ª D.ª Maria, valendo-lhe, no inverno, a lareira da Snr.ª Carolina Ledo para enxugar os pés e os sapatos, diariamente

encharcados na travessia, de pedra em pedra, do então lamacento caminho da Fonte.

Mais sorte tinha o seu marido que, como professor dos rapazes, leccionava na própria casa em que vivia com sua numerosa família, casa que em 1936, respeitando-se-lhe apenas os alicerces, foi transformada em duas salas de aula, tal como a conhecemos hoje, dando a parte até então destinada à residência do professor lugar à sala do lado nascente, onde, em substituição da de Belinho, passou a funcionar a escola das raparigas.

Esta transformação da escola, feita segundo um plano governamental a nível nacional para marcar o 8.º centário da fundação da nossa Nacionalidade, deve-se, em grande parte, ao facto deste generoso casal, com sacrifício indescrevível, ter abdicado do direito que lhe cabia, enquanto vivo, à residência.

Para não privarem a freguesia de tal melhoramento e para não criarem dificuldades à sua Junta, professores e familiares, com uma mágoa que sabiam nem a morte apagar, partiram para Belinho, Lugar da Fradonha, passando a viver na casa que, então era da Snr.ª Amélia do Pica e, hoje, do Snr. Manuel Cardante.

Novas circunstâncias obrigaram-nos mais tarde, quando já reformados, a irem para Marinhãs, freguesia a que, porque mais longe ainda da sua Terra, nunca se adaptaram. O Snr. Torrinhos, nomeadamente, suspirava continuamente por tudo o que deixava em S. Paio: os seus amigos, os seus velhos alunos, os seus lugares de convívio, sobretudo o seu mar e o seu rio, onde,

durante longos anos, se dera, nas horas de lazer, a variados tipos de pesca, seu desporto favorito.

Quando poderia descansar um pouco, como tinha direito, das fadigas de uma vida inteira, rebenta a segunda guerra mundial que impõe toda a gama possível de privações, agravando-lhe ainda mais as consequências do «exílio» a que havia sido votado.

O seu estado moral facilitou a marcha do mal físico e, assim, com apenas 66 anos, dando até ao fim provas da firmeza da sua formação cristã, falecia, em Marinhãs, a 5 de Novembro de 1944, não sem antes ter manifestado veemente desejo de que os seus restos mortais fossem, como sucedeu, um dia trasladados para o cemitério de S. Paio onde, segundo palavras suas, além de repousar entre os «seus» teria muitas orações de sufrágio dos seus múltiplos alunos.

Nos seus fins, mais feliz foi a sua dedicada esposa que teve o prazer de, acompanhada de grande parte de familiares, regressar à sua terra adoptiva, onde viveria ainda longos anos, embora limitada ao mundo físico do seu quarto, rodeada dos maiores carinhos de todos os seus, sendo o seu maior prazer, missão que não delegava em ninguém, escrever aos vários filhos e netos que a luta da vida obrigara a radicar noutros continentes.

Com a invejável idade de 99 anos, vividos até ao último momento com uma jovialidade de espírito só possível numa alma que soubera aceitar com verdadeira alegria cristã as exigências de uma vida que nem sempre lhe fora fácil, viria a falecer entre nós a 16 de Janeiro de 1979, tendo sido um verdadeiro exemplo de esposa, de mãe, de professora e de cidadã.

Sintamo-nos orgulhosos de tão dedicados mestres e honremo-los copiando-lhes as virtudes e lembrando-os, conforme seus desejos expressos, nas nossas orações de alunos reconhecidos.

António Saleiro

(a) Jornal «O Espoensense» de 7/11/1907.